

NARRATIVAS ARTHURIANAS: DIFERENTES PERSPECTIVAS DA LENDA DO REI ARTHUR

Gabriela da Cunha Modolo e Lilian Cristina Corrêa

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Esta pesquisa pretende refletir sobre as diferentes formas como as personagens femininas são tratadas na lenda do Rei Arthur, sob a ótica cristã e pagã. Será utilizada a obra *As Brumas de Avalon*, especificamente o primeiro livro, *A Senhora da Magia* (1982), em comparação com o livro *A Morte de Arthur* (1485), obra de Sir Thomas Malory. Utilizando a perspectiva da metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1991), assim como a crítica literária feminista e a perenidade da lenda arthuriana.

Palavras-chave: *As Brumas de Avalon*; Historiografia; Feminismo.

ABSTRACT

This research intends to reflect on the different ways that female characters are treated, in the legend of King Arthur, from the perspective of the Christian and pagan religions. In this study *The Mists of Avalon* will be used, specifically the first book, *Mistress of Magic* (1982), in comparison with *The Death of King Arthur* (1485), by Sir Thomas Malory. Using the perspective of historiograph metafiction, by Linda Hutcheon (1991), alongwith the feminist literary criticism and perpetuity of the Arthurian legend.

Keywords: *The Mists of Avalon*; Historiography; Feminism.

1. INTRODUÇÃO

As narrativas sobre o lendário Rei Arthur encantam e fascinam leitores há gerações, fazendo a sua história transcender seu tempo. Acredita-se que o Rei Arthur, ou alguém com título semelhante ao dele, tenha sido monarca da antiga Grã-Bretanha no século V e que sua figura como rei fora construída ficcionalmente no século XII. Há inúmeras hipóteses a respeito da verdadeira face de Arthur – para alguns estudiosos, o real protagonista de diversas batalhas em defesa de seu povo havia sido um guerreiro bretão e, para outros, era descendente direto de uma família romana.

Há diversas narrações que falam da lenda do Rei Arthur, sendo que as mais conhecidas foram escritas por homens, com exceção de *As Brumas de Avalon* (*The Mists of Avalon*, 1982), da escritora Marion Zimmer Bradley, em que as personagens femininas têm papel de destaque. Bradley partiu de uma ampla tradição de textos sobre a lenda arthuriana, tendo como inspiração a obra *A Morte de Arthur* (1485), de Sir Thomas Malory, que foi uma das mais influentes obras de todos os tempos.

A quadrilogia que compõe *As Brumas de Avalon* trata-se da versão da lenda do Rei Arthur, contada sob o prisma feminino e narra a história das mulheres que circulavam no universo mais próximo do Rei Arthur, explicando as razões e decisões do rei sob o ponto de vista delas. Há total atenção para as personagens femininas, em especial quatro delas: Gwynhwyfar, esposa de Arthur; Igraine, mãe de Arthur; Viviane, da Alta Sacerdotisa de Avalon e Senhora do Lago; e Morgana, herdeira de Avalon. A lenda do Rei Arthur é contada por meio das vidas, visões e percepções dessas mulheres.

A trama dos livros escritos por Marion Zimmer Bradley se passa na Idade Média e contém elementos de romances medievais e contos de cavalaria, tais como o herói, nesse caso heroína, Morgana, cavaleiros envolvidos em uma série de provações a serem cumpridas, além de apresentar a magia e o sobrenatural como parte da realidade em que se acreditava na época. A escolha da autora em trazer Morgana, tradicionalmente uma vilã na literatura arthuriana, como personagem central, faz com que a narrativa de *As Brumas de Avalon* vá além de uma simples reescritura e adquira contornos de uma recriação da personagem e da trama, como nos diz Rich (1972, p.23).

Apresentando o ponto de vista feminino, a narrativa é feita em terceira pessoa, onisciente e os capítulos são contados a partir das diferentes personagens, dessa maneira, diferenciando-as umas das outras. *As Brumas de Avalon* (1982), apesar de ser uma única obra em sua totalidade, divide-se em quatro livros: *A Senhora da Magia*, *A Grande Rainha*, *O Gamo-Rei* e *O Prisioneiro da Árvore*.

O objetivo deste trabalho é encontrar diferenças entre as narrativas escritas por homens e mulheres em torno da lenda do Rei Arthur e da Távola Redonda, a partir da obra

As Brumas de Avalon, de Marion Zimmer Bradley, em relação de obras anteriores a ela, como *A Morte de Arthur*, de Sir Thomas Malory. *As Brumas de Avalon* constitui uma quadrilogia, entretanto, para o presente estudo, a análise será pautada apenas no primeiro livro, *A Senhora da Magia* (1982), dando ênfase também às diferenças entre as concepções religiosas cristãs e pagãs e às personagens femininas, traçando um panorama entre as obras de Marion Zimmer Bradley e de Sir Thomas Malory, a partir do conceito da metaficção historiográfica, conforme Hutcheon (1991).

2. PERENIDADE DE UMA LENDA

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 1963, p.9)

O significado de mito foi adaptado diversas vezes ao longo da história, sendo uma realidade cultural abrangente e que é interpretada de múltiplas maneiras, segundo Eliade (1963, p.14) Define-se mito como o relato de um acontecimento ocorrido em tempo primordial, descrevendo as manifestações do sagrado ou do sobrenatural no mundo. Sendo uma história sagrada, o mito é considerado uma "história verdadeira", revelando as realidades experimentadas, de tal forma que os Deuses e as entidades sobrenaturais protagonizam as histórias míticas (ELIADE, 1963, p. 15)

Na visão de Eliade (1963, p. 18) o mito, para as sociedades arcaicas, constitui a história dos atos dos *Entes Sobrenaturais*. Essas histórias sempre se referem a uma criação, contando como algo veio à existência, como algum tipo de padrão de comportamento, uma instituição ou alguma forma de trabalhar. A partir do conhecimento do mito, chegamos à origem das coisas e, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade, pois ainda segundo Eliade (id., p. 9):

Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje.

O mito pertence ao passado, refere-se a um procedimento mental comum na cultura arcaica ou selvagem. Ora tendo um sentido sagrado, religioso, ora de ficção, fantasioso, independente de qual vertente, são inegáveis o seu valor e a sua contribuição na formação da sociedade, na qual os mitos primitivos ainda estão presentes e refletem acontecimentos contemporâneos, tornando-se exemplos de atividades humanas.

Assim os mitos se produzem a partir da realidade e da História, o mito tem duas vias: “a da elaboração romanesca e a da reutilização para fins de legitimação histórica.” (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 274). A perpetuação do mito está ligada a produção e validação de um discurso ideológico e se utiliza dessa narrativa para “fundar uma ordem tradicional sobre um passado longínquo; ou prospectiva, para fazer desse passado o início de um futuro que começa a desenhar-se.” (id., p. 274).

Todo discurso é ideológico, segundo Michel Foucault “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída.” (FOUCAULT, 2010, p. 8-9). Um dos mecanismos de controlar e reproduzir um discurso é por meio de histórias e o mito está dentro dessa configuração, pois há a perpetuação de uma ideologia, pois é um mecanismo sutil que tem como obrigação “[...] formar, organizar e pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que são construções ideológicas.” (FOUCAULT, 2006, p. 186).

Portanto, a lenda do Rei Arthur é a perpetuação de um discurso, que passa de geração para geração, é modificado e acrescido de elementos que possuem caráter fantástico e que têm influência perene. O Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda têm despertado a curiosidade e o interesse de autores e leitores, fazendo parte do nosso imaginário (MOURA, 2017). Ao longo da história foram escritas diferentes versões da lenda de Arthur e autores como Geoffrey de Monmouth, com *História Dos Reis Da Bretanha* (1136), Chrétien de Troyes, com *Erec, O Cavaleiro do Leão* (Ivain), (1170) e Thomas Malory, com *A Morte de Arthur* (1485), foram responsáveis por registrar o que a tradição oral já imortalizou.

Segundo Archibald e Putter (2009, p. 2), a razão do sucesso da lenda de Arthur é que a narrativa não se limita a um único herói, as histórias do período arthuriano não são somente sobre Arthur, mas também sobre as aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda e em versões da lenda mais recentes, contam as histórias das personagens femininas da corte arthuriana.

As versões mais conhecidas a respeito da lenda do Rei Arthur foram escritas por homens, com exceção de *As Brumas de Avalon* (1982), da escritora Marion Zimmer Bradley. Como o propósito deste trabalho é encontrar as diferenças entre os escritos de Malory e Bradley, em que as personagens centrais da obra são mulheres. Bradley partiu de uma ampla tradição de textos sobre a lenda arthuriana, tendo como inspiração o livro *A Morte de Arthur* (1485), de Sir Thomas Malory, sendo essa obra uma das mais influentes de todos os tempos.

A lenda do Rei Arthur é de origem celta e foi cristianizada pelos escritores, devido a isso, há o choque das duas religiões tanto na obra de Malory, quanto na obra de Bradley. A escritora percebeu na lenda de Arthur, que a igreja católica medieval, representada pelos

clérigos, abominava a religião pagã e relacionava os dogmas e costumes dessa religião a símbolos demoníacos. A recorrência desse discurso contrário a religião pagã se estendia principalmente às mulheres, pois estas mulheres destoam do comportamento prescrito pela moral cristã. Como por exemplo, a sexualidade que representa tema tabu dentro do discurso cristão, que é repressivo e detentor de aspectos morais radicais. Sobre esse conflito religioso e o feminino, que para Bradley estão presentes na lenda arthuriana, ela aponta o porquê escolheu escrever sobre a lenda do Rei Arthur:

Foi o que vi na saga arturiana, com ênfase nessas figuras misteriosas, a Dama do Lago e Morgana a Fada. Malory, um verdadeiro produto de sua época, via toda a história como uma parábola de conflito entre o cristianismo / tradição feudal, com Deus, rei, nobres e clérigos dividindo o mundo e as mulheres em lugar nenhum - e a luz emergente do pensamento renascentista, que começou a deixar claro que isso era simplificado demais. (BRADLEY, 1986) (tradução nossa)¹

A fala de Bradley mostra que Thomas Malory foi sua maior influência ao escrever o seu livro, no entanto ao ler Malory, ela conclui que o escritor tentou minimizar a importância das mulheres na lenda. Como Malory não pode apagá-las de sua versão, ele as minimiza mesmo que essas personagens sejam importantes para a narrativa, pois na origem da lenda, a tradição oral, primeira fonte da lenda arthuriana, o papel delas era absolutamente integrado à história.

As diversas inserções e modificações posteriores não são capazes de apagar totalmente o destaque feminino na lenda, devido ao modo de vida dos celtas. Não sendo apagadas, as personagens femininas foram revestidas de novos comportamentos e costumes a partir da moral cristã. Diante dessa conjuntura a escritora buscou criar sua versão retomando a dinâmica pré-cristã da lenda, abordando justamente o momento de transição desse mundo antigo para a expansão do Cristianismo na Bretanha. Essa é a maior diferença entre os dois escritores, o tratamento e abordagem das personagens mulheres dentro da lenda do Rei Arthur, pois Malory subverteu a lenda dos celtas, em que as mulheres tinham importância, sendo esse o importante papel de Bradley de resgatar essas personagens.

3. A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

A luta pelos direitos das mulheres não é um fenômeno recente. Na metade do século XIX, desenvolveu-se a primeira onda de feministas: as sufragistas, movimento em prol ao sufrágio feminino. Porém, o movimento feminista começa efetivamente na chamada segunda onda, em 1968, que foi "[...] à compreensão da origem da condição feminina, isto é,

¹ No Original: "This was what I saw in the Arthurian saga, with the emphasis on those mysterious figures, the Lady of the Lake and Morgan le Fay. Malory, a true product of his day, saw the whole story as a parable of conflict between Christianity/feudal tradition, with God, King, Nobles, and Clergy dividing up the world, and women nowhere – and the emerging light of Renaissance thought, which began to make it clear that this was over-simplified." (BRADLEY, 1986).

elas queriam entender as razões que fundamentam a opressão sofrida pelas mulheres." (SILVA, 2019, p.9327)²

Dessa maneira a crítica literária feminista surge nos anos 70, com a publicação da dissertação de doutorado de Kate Millet, *Sexual Politics*, na qual a autora discute as posições ocupadas pelas heroínas dos romances escritos por homens. Desde então, essa crítica questiona a prática acadêmica do patriarcado e não enfatiza mais o texto masculino, mas se concentra na redescoberta e pesquisa da literatura por mulheres. (ZOLIN, 2009, p.75).

Há duas principais vertentes da crítica literária feminista, que são a francesa e a anglo-americana, com diferentes perspectivas. A tendência francesa preocupa-se "[...] com a especificidade de uma linguagem essencialmente feminina, investigando as relações entre sexualidade e textualidade e proclamando uma escrita do corpo" (id, p.236), já a tendência anglo-americana "[...] empenha-se na definição de uma identidade feminina e do lugar da diferença por entender que tais definições são fundamentais na luta contra as instituições patriarcais dominantes." (id, p.237)

A revisão de obras patriarcais teve início no século XIX, mas ganhou força no século XX, as escritoras reavaliaram as formas específicas de mulheres e de representações do feminino feitas por homens. A revisão proporcionou e impulsionou a busca de novas formas de mulheres e femininos para definirem a si mesmas na arte, para poderem falar sobre si com maior liberdade. Após esse primeiro momento iniciado no século XIX, o processo de revisão avançou e traçou novos caminhos. As novas escritoras do século XX perceberam que a maioria dos mitos presentes na sociedade eram majoritariamente masculinos. É nesse contexto que se dá a produção de *As Brumas de Avalon* (1982), de Marion Zimmer Bradley, sendo que:

Para mim, a chave para o "desenvolvimento da personalidade feminina" na minha versão revisionista, ou melhor, reconstrucionista, é simplesmente isso. As mulheres modernas foram criadas com mitos / lendas / histórias de heróis, nas quais os homens fazem as coisas importantes e as mulheres aguardam, observam e admiram, mas mantêm as mãos afastadas. Restaurar Morgan e a Dama do Lago a verdadeiros atores integrais do drama é, penso eu, de suprema importância no desenvolvimento religioso e psicológico das mulheres em nossos dias.³ (BRADLEY, 1986, tradução nossa)

² [...] o pensamento feminista: desnudar os fundamentos culturais das construções de gênero (opondo-se às perspectivas essencialistas e ontológicas dos estudos que abordam a questão da mulher) e promover a derrocada das bases da dominação de um gênero sobre outro. (ZOLIN, 2009, p.227)

³ No original: "For me the key to "female personality development" in my revisionist, or better, reconstructionist version, is simply this. Modern women have been reared on myths/legends/hero tales in which the men do the important things and the women stand by and watch and admire but keep their hands off. Restoring Morgan and the Lady of the Lake to real, integral movers in the drama is, I think, of supreme importance in the religious and psychological development of women in our day". (BRADLEY, 1986)

Para Bradley a formação do romance não visa somente o revisionismo, mas também o reconstrucionismo, como uma resposta crítica à tradição do resgate do feminino, que é silenciado na tradição literária e é o maior mérito a ser conquistado. (BRADLEY,1986). O objetivo em reconstruir a lenda de Arthur é tecer a narrativa em moldes femininos, para isso parte-se da perspectiva de Malory em *A Morte de Arthur* (1485). Como objeto de comparação com a obra *As Bruma de Avalon* (1982) para subverter os caminhos da tradição, Bradley escreve a lenda arthuriana, contando as histórias das mulheres da lenda a partir da voz de uma delas: Morgana. Ao ceder voz para aquelas que eram condenadas na tradição, Bradley contesta, desarticula o poder do patriarcado e dá relevância às mulheres que sempre foram silenciadas.

A Morte de Arthur (1485) é a versão cristianizada da lenda arthuriana. Ao contrário de Bradley, Malory minimiza ao máximo os elementos de origem celta da lenda e partes que não foram apagadas passaram a ser associadas ao mal e demonizadas, Morgana é um exemplo. Em *A Morte de Arthur* (1485), quando Morgana é mencionada pela primeira vez, o narrador enfatiza sua relação com o misticismo:

E a terceira irmã, Morgana a Fada, foi enviada para uma escola num convento de monjas, onde aprendeu tanto que se tornou mui sabedor de coisas de necromancia, e mais tarde desposou o Rei Uriens da terra de Gore, que foi o pai de Sir Uwain le Blanchemains. (MALORY, 1993a, p.21)

Logo após essa primeira descrição de Morgana, sua beleza é dada como destaque: “A toda a pressa, foram os enviados buscar a rainha, e ela veio trazendo consigo Morgana a Fada, sua filha, dama formosa como nenhuma outra” (id, p.61), que estuda necromancia em um convento, por meio de seus conhecimentos mágicos trama contra Arthur e seus homens. O narrador enfatiza sua beleza e é dada relevância ao fato de Morgana ser chamada de "a fada", termo presente nos dois excertos. Quando Morgana é relacionada às fadas, um elemento não cristão, relacionando essa personagem com a feitiçaria:

E assim abalou com Sir Driant, e pelo caminho encontraram um cavaleiro que era enviado de Morgana, a Fada, ao Rei Artur; e este cavaleiro trazia um belo corno guarnecido a ouro, e este corno tinha tal virtude que não havia dama nem dona que dele pudesse beber sem ser fiel a seu marido [...]. E por causa da Rainha Guinever, e por despeito de Sir Lancelot, era este corno enviado ao Rei Artur [...]. Então reuniram-se todos os barões, e disseram mui claramente que não queriam que aquelas damas fossem queimadas por causa de um corno feito com artes de bruxaria, e que vinha da bruxa e feitiçeira mais falsa que então vivia [...] e sempre e em todos os seus dias foi ela inimiga de todos os verdadeiros amantes. Assim, muitos cavaleiros fizeram voto de se mostrarem pouco cortes para com Morgana a Fada.” (MALLORY,1993b, p.79-80)

Morgana, a fada, é a bruxa que quer ridicularizar o seu meio-irmão, Arthur. É também a feitiçeira, que possui diversos amantes, passando a ser considerada depravada e detentora de magia. Morgana prende Lancelot e, quando ele se recusa a se tornar seu

amante, planeja a sua morte. Morgana atua por si e somente para si. Sendo assim é considerada uma mulher de ação e não cede às vontades dos homens, pois é ela quem o manipula de acordo com suas vontades. Ambiciosa, possui sede de poder, impiedosa contra seus adversários, vale de sua magia para buscar o poder, a feiticeira tenta os cavaleiros e aterroriza as damas castas.

Dessa maneira, a personagem Morgana, de Malory, é o estereótipo tradicional da mulher-monstro da tradição literária e, por isso, dentro da visão patriarcal, ela deveria ser demonizada. Morgana também está relacionada ao povo antigo, os celtas, a cultura e a religiosidade desse povo. Como Malory não tem a intenção de contar e dar relevância a essa cultura, ele opta por apagá-la e atacar o que não é cristão em sua versão, por isso Morgana aparece como bruxa má e demonizada.

Em *A Morte de Arthur*, os aspectos psicológicos do personagem não são priorizados, mas sim a descrição do comportamento como as ações das personagens, o que é algo característico em novelas de cavalaria, e são esses os elementos que Bradley usará para subverter o protótipo construído em torno dessa personagem. Outra personagem que sofre grandes mudanças é Viviane, que em *As Brumas de Avalon* (1982) é a Senhora de Avalon, que ocupa papel de destaque na religião pagã e na vida de Morgana, já em *A Morte de Arthur* (1485), essa personagem não tem nome e sua dominação é dada a partir da função que desempenha, a Dama do Lago, aquela que entrega Excalibur para Arthur, desempenha uma função estritamente ligada aos desejos dos homens, sendo ela mais um exemplo da situação das mulheres dentro das narrativas patriarcais. Já em *As Brumas de Avalon* (1982) quem está conduzindo a narrativa, é Morgana logo no início, antes do desenrolar da narrativa é ela quem fala:

Ao contar esta história, falarei às vezes de coisas que se passaram quando eu era jovem demais para compreendê-las ou de coisas que ocorreram quando eu não estava presente; e meu ouvinte fará uma pausa e talvez dirá: esta é a magia dela. Mas eu sempre tive o dom da Visão, de ver o interior da mente dos homens e das mulheres; e, por todo esse tempo, estive perto de todos eles. Assim, por vezes, tudo o que pensavam me era conhecido, de um jeito ou de outro. E assim contarei esta história. (BRADLEY, 1982, p.84)

Morgana é narradora e protagonista e se propõe a contar a sua versão dos fatos, ela irá conduzir a narrativa de forma a desafiar a versão masculina e patriarcal presente na tradição. Ela informa que irá contar os fatos e também os que aconteceram quando não estava presente, pois ela tem a visão que implica o conhecimento do todo e ela informa que possui esse dom, lhe permitindo ver o interior dos personagens, mulheres e homens, mas dá somente a perspectiva e voz às mulheres e ausência da voz masculina é algo deliberado.

Como só as mulheres têm voz na narrativa, a fala de Morgana e sua forma de contar a história valida o que ela quer transmitir. Já no início Morgana mostra às faces de sua personalidade, quando criança se mostra avessa a ser educada como as outras crianças, não gostava de ser penteada e nem de fiar, uma das ocupações fundamentais para uma dama cristã, mesmo o narrador deixando explícito que ela tem muita habilidade para qualquer atividade artesanal.

Por meio de Igraine e pelo foco narrativo, pode-se notar que Morgana tem uma aparência diferente dos pais: "Pequena, morena, de constituição delicada, com ossos tão miúdos que era como segurar um passarinho pequeno e macio. Como aquela criança tinha saído com aquela aparência? (BRADLEY, 1982, p. 204). Sendo que é Viviane, Senhora de Avalon, que a relaciona com o povo das fadas: "— É este o bebê? Percebe-se que ela tem o sangue do Povo Antigo. Ela se parece com a nossa mãe, Igraine." (id, p. 229).

Quando criança não gostava de ser chamada de fada, apelido dado por tia Morgause, devido à sua aparência. Quando Bradley tira Viviane da condição de personagem marginal e dá a ela pela primeira vez um nome, ela deixa de ser somente uma dama que serve os homens e suas vontades para se tornar a Senhora de Avalon, personagem com grandes responsabilidades na trama que é responsável pelo nascimento e coroação de Arthur. Quando se dá identidade tirando-a da condição das mulheres da lenda de Arthur, apenas como damas ou donzelas, que são citadas somente quando cruzam o caminho de algum cavaleiro, elas agora participam ativamente da lenda de Arthur, tanto Morgana, Viviane, Igraine, Morgause e Gwynhwyfar sendo que a revisão de Bradley dá voz a mulheres que eram silenciadas.

4. METAFICÇÃO EM AS BRUMAS DE AVALON

Ao lado da reescrita da história – de forma tradicional, pelo assentimento ou, de forma metaficcional, pela subversão – encontra-se sempre a intertextualidade, recurso narrativo pelo qual a literatura tece um eterno diálogo consigo mesma, desde tempos imemoriais. (VASCONCELOS; BATISTA; PEREIRA, 2017, s/p)

Ao reelaborar a representação de uma lenda ao mundo exterior em especial ao que se refere à sua figura e sua história, os escritores podem cultivar sua narrativa histórica oficial ou contá-la à sua maneira recorrendo, dessa forma, à ironia, à sátira e à paródia para percorrer os caminhos do que Linda Hutcheon (1991) denomina de metaficção historiográfica. A metaficção historiográfica é uma forma em que o narrador, ao reproduzir o passado, evidencia sua presença em um texto definido por uma *intensa autoconsciência* ou *auto reflexividade* (HUTCHEON, 1991, p.150), porque o passado só pode ser reconstruído

com base em *seus vestígios textualizados* (id., p. 157). Segundo Hutcheon (1991): A ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico. (HUTCHEON, 1991, p. 147)

O romance de Marion Zimmer Bradley *As Brumas de Avalon* (1982) traz uma nova perspectiva à visão que se tem das mulheres da lenda de arthuriana, diferentemente da narrativa escrita por Thomas Malory, *A Morte de Arthur* (1485), pois a narrativa de Bradley, tem as mulheres como narradoras e protagonistas. Na metaficção, o autor evidencia na própria obra seu processo criativo, sua consciência sobre a teoria e a ficcionalidade do material que está construindo. Além disso, ao reescrever e rerepresentar o passado histórico na ficção, a obra metaficcional historiográfica o traz para o presente, numa espécie de volta ao passado que faz com que esse passado ainda esteja em contínuo processo de reconstrução, o que torna a obra de Bradley tão atual, visto que ela reinventa a lenda do Rei Arthur.

Não é por coincidência que o feminino é um objeto frequente dessa reavaliação e reconstrução, pois uma vez que a participação e importância desse feminino e dessas mulheres foram reduzidas da história, e essa reformulação é feita sobretudo, por escritoras. Assim se torna fértil o terreno para novas especulações e criações por parte dos autores, permitindo que se tenha uma nova visão da história. Hutcheon (1991, p. 72) observa:

A metaficção historiográfica, portanto, em um sentido real, é ficção ideológica, tomando a ideologia como modos de sentir, avaliar e perceber que têm algum tipo de relação com a manutenção do poder social. Escrever tanto história quanto ficção histórica é levantar da mesma maneira a questão do poder e do controle: é a história dos vencedores que normalmente é contada.

A narrativa de Bradley se vale das histórias arthurianas e comanda a relação que estabelece entre o velho e o novo através de um viés crítico e revisionista. É possível apontar a subversão que se dá por meio da revisão e reelaboração e “se relacionarmos (a obra) com seus arquétipos – por sua vez abstraídos de longas séries de textos, de que constituem, por assim dizer, a constante.” (JENNY, 1979, p. 5). Tudo isso implica na ideia de revisão, a transgressão, transformação e a recriação, apresentando o projeto feminista de Bradley e que são os elementos que buscamos analisar nesse trabalho.

[...] a intertextualidade tomada em sentido estrito não deixa de se prender com a crítica das fontes: a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando de sentido. (JENNY, 1979, p. 14)

Há inúmeras narrativas e versões que contam a “história oficial” e ficcional sobre o lendário Rei Arthur, o que permite que sua lenda transcenda seu tempo. A história mais conhecida foi fixada na forma escrita por Sir Thomas Malory, a obra *A Morte de Arthur*

(1485) tem como foco narrativo além do nascimento, ascensão, consolidação e morte do Rei Arthur, o foco está também em narrar as façanhas e feitos dos cavaleiros. O destaque dado por Malory é à atuação dos cavaleiros e ao decorrer do livro a ênfase é dada majoritariamente nas ações dos personagens masculinos.

O romance é narrado na época medieval, uma época em que a Igreja Católica utilizava seus sermões e influência na sociedade como um pilar da moral e bons costumes para manipular o povo. Em *A Morte de Arthur* (1485) as mulheres são apresentadas como boas ou más tendo uma natureza bipartidária com base em uma antiga ideologia cristã, ou a mulher era considerada Eva, a pecadora original, ou Maria, a virgem e mãe do Salvador. Dito de outra maneira, “Na literatura religiosa encontram-se alguns dos mais importantes juízos relativos à natureza feminina. Neste caso, coexistiram duas tendências opostas: uma de pecadora, e outra, a da redentora.” (MACEDO, 2002, p. 66). Por muito tempo a Igreja tomou para si a tarefa de manter a consciência do povo em suas mãos. Desse modo:

[...] a religião da Mãe, acreditavam os clérigos, já havia sido vencida e a mulher, antes divinizada, já havia recebido rótulos suficientes para que os cristãos se prevenissem contra suas artimanhas. Mas, de repente, a Igreja se deu conta de que a confiança no poder de Cristo estava minada pela persistência das antigas tradições pagãs, pela persistência das heresias e, principalmente, pelos vestígios da reinstalação do encantamento produzido pelo feminino. (BARROS, 2001, p. 340)

Dessa maneira percebemos que a Idade Média representa uma época de transição entre as duas religiões pagã e cristã, alguns elementos ou símbolos das religiões pagãs foram absorvidos pela religião católica com o objetivo de dar uma continuidade e não um fim a crença pagã que era a fé do povo sendo que o romance de Bradley se passa na Idade Média.

A obra *As Brumas de Avalon* (1982) retrata essa fase, pois o feminino ainda encanta e luta para ter uma voz ativa na sociedade patriarcal ao mesmo que tempo assusta, sendo necessário reprimir seus comportamentos e ações fortalecendo as raízes do patriarcado e da voz masculina acima da feminina. Logo no início do romance nos deparamos com essa mistura de crenças, que é representada pela personagem Morgana:

Em meu tempo, fui chamada de muitas coisas: irmã, amante, sacerdotisa, sábia, rainha. Na verdade, eu me tornei, sim, uma sábia, e pode chegar um tempo em que estas coisas devam ser conhecidas. Mas, sinceramente, acredito que serão os cristãos a contarem a última história. Cada vez mais o mundo das fadas se afasta do mundo sobre o qual o Cristo estende seus domínios. Não tenho desavenças com Cristo, apenas com seus padres, que chamam a Grande Deusa de demônio e negam que ela tenha um dia sido poderosa neste mundo. Na melhor das hipóteses, dizem que o poder dela vinha de Satã. Ou a vestem com o manto azul da Nossa Senhora de Nazaré, que de fato teve poder, à sua maneira, e dizem até que era uma virgem. Mas o que sabe uma virgem a respeito dos sofrimentos e das labutas da humanidade? (BRADLEY, 1982, p. 59)

Ao nos debruçarmos sobre a citação acima podemos destacar conflitos que irão rodear o romance do início ao fim, serão abordados diferentes aspectos que serão tratados posteriormente na narrativa: o embate entre o paganismo e o cristianismo como na citação acima, as relações entre homem e mulher, as variadas formas religiosas de entendimento e de explicação do mundo. Morgana toma para si a tarefa de contar a história do reinado de Arthur, seu irmão e rei da Grã-Bretanha, desde os acontecimentos antes de seu nascimento até a sua morte. Sua fala se revelará a partir do que ela considera como sendo a sua verdade em relação aos acontecimentos dos fatos e o fará isso pois "é preciso contar as coisas antes que os sacerdotes do Cristo Branco espalhem por toda parte os seus santos e suas lendas." (BRADLEY, 1982, p. 59).

Nessa perspectiva fica claro que a versão de Morgana não é a cristã e que a narrativa terá a sua posição discursiva, sendo ela sob sua perspectiva de mulher e de sacerdotisa da Deusa. Dessa forma tenta dar a versão dos fatos da Deusa pois teme que a versão que ela conta da história será apagada nas versões cristãs e masculinas, dado ao crescimento do cristianismo nessa época pois ela diz que:

Um dia os padres também a contarão como a conheceram. Talvez, entre as duas, a minha e a deles, haja algum lampejo da verdade. Pois isto é o que os padres não sabem, com o seu Deus Único e a sua Verdade Única: não existem histórias verdadeiras. (BRADLEY, 1982, p. 84)

Assim evidencia que a sua versão é a de narradora participante que dará a sua versão dos fatos sobre a sua visão de mulher pagã e líder de uma religião que os padres abominam e dizem que tem vínculo com satã, assim sendo uma forma de marginalizar a religião da pagã e de tirar os seus valores e virtudes que são diferentes da religião cristã, por isso a abominam.

Essa diferença pode ser notada quando Morgana diz, "mas o que sabe uma virgem a respeito dos sofrimentos e das labutas da humanidade?" (BRADLEY, 1982, p. 59), nesse excerto fica claro uma dualidade e divergência de crenças, pois para a religião cristã a mulher deve ser virgem e pura como virgem Maria, mas já na religião pagã as mulheres podem não ser virgens e serem respeitadas como a grande sacerdotisa, porque a questão da virgindade para essas religiões é diferentes.

Para a religião cristã a fala de Morgana é considerada um discurso subversivo, pois questiona os valores que estão sendo impostos, por essa nova religião, que está em ascensão e está criando um modelo de virtude feminino, em oposição ao modelo da mulher pagã sendo criado um novo modelo sobre o outro, onde o sexo para as mulheres pagãs não é pecado e sim sagrado. No fragmento acima também notamos que há autoridade e subjetividade no seu contar da história, pois Morgana coloca-se em uma posição de autoridade narrativa, conta o que viveu, não alguma outra história que veio posteriormente, como aponta ser o caso das versões futuras que serão feitas pelos cristãos e serão

contadas pelo ponto de vista da religião dominadora, a cristão. O conquistador conta a História do conquistado de sua maneira, sendo que a versão do vencedor é empregada como discurso oficial, Morgana tem consciência disso e da pluralidade dos discursos, por isso insiste em dar a sua versão da história.

Quando Morgana fala que os futuros padres irão contar essa mesma história à sua maneira, Morgana diz que “talvez entre as duas se possam perceber alguns lampejos de verdade.” (BRADLEY, 1982, p. 84). Ela, diferentemente dos padres adeptos a uma única versão dos fatos, diz que “não existe história totalmente verdadeira” e que “a verdade tem muitas faces” por isso, em relação ao seu contar Morgana afirma “esta é a minha verdade.” (BRADLEY, 1982, p.96).

Dessa maneira quando a história se faz presente por meio da historiografia, que é fruto de um discurso e não existe fora dele. Linda Hutcheon já defende que como todo discurso está repleto de ideologia, com o discurso histórico, não seria diferente, e além de ideologia é inserido também de um imaginário construído, sabemos que a metaficção historiográfica, em relação ao texto literário uma história e ficção é uma forma de escrita em que se reescreve ou se reapresenta o passado ficcional. *As Brumas de Avalon*, se enquadra nessa perspectiva da metaficção historiográfica, pois corresponde a um nova maneira de produção artística contemporânea de lidar com as formas e temas da tradição literária ao mesmo tempo em que há teor ficcional da própria história uma vez que “jamais pode-se conhecer o passado a não ser por meio de seus restos textualizados.” (HUTCHEON, 1991, p. 39), Sendo que isso está inserido na fala da Morgana e ao longo do livro *As Brumas de Avalon* (1982).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Brumas de Avalon (1982) refaz e reinventa a tradição da lenda do Rei Arthur, a autora dá uma nova forma e vida para as personagens da lenda as reelaborando. Bradley dá uma resposta de cunho feminista para autores homens que escreveram antes dela a lenda arthuriana. As representações do feminino correm a partir da ressignificação em forma crítica, ela usa a tradição para promover a reescrita, a partir de uma nova perspectiva.

Evidência que todo discurso é ideológico, como o discurso histórico, de acordo com Linda Hutcheon, em sua obra *Poética do Pós- Modernismo* (1991), e no texto literário não seria diferente, pois este une ficção e história sendo a literatura uma forma de reescrever ou modificar o passado através da ficção se não foi assim que aconteceu, deveria ter sido. Ao ter Morgana como narradora-personagem da narrativa, já configura um ato de transgressão e possibilita a quebra dos estereótipos consolidados sobre essa e outras personagens femininas na lenda do rei Arthur.

Morgana conduz a narrativa e conta a sua versão da história, desafiando a versão masculina e patriarcal presente na tradição da lenda arthuriana. Marion Zimmer Bradley, ao dar o foco narrativo às personagens femininas, ao fazê-lo ataca a tradição, desconstrói e indaga as versões anteriores, escritas por homens como no caso de Thomas Malory, no livro *A Morte de Arthur* (1485). Ao revisar os elementos religiosos da tradição com objetivo de dar um novo sentido, critica a misoginia dos padres e enaltece a espiritualidade das sacerdotisas de Avalon.

Bradley relaciona-se explicitamente com a matriz da lenda de Arthur pelo livro de Thomas Malory, *A Morte de Arthur* (1485), a versão tradicional da lenda, a qual a escritora usa como subtexto criando sentidos inéditos da história. Bradley, portanto, não elimina a tradição, mas a transforma em outra coisa, subvertendo a lenda de Arthur, desviando e modificando os discursos dominantes anteriores e instituindo uma nova consciência feminina, o que possibilita a revisão da lenda arthuriana.

Mesmo sem desconstruir oposições de masculinidade e feminilidade inverteu a hierarquia ao estabelecer o feminino como ser ativo, *As Brumas de Avalon* (1982), entra para o cânone arthuriano com obra inovadora, primeira em sua tentativa de desarticular a misoginia presente na lenda do Rei Arthur. Bradley faz isso por meio da revisão e subversão dos valores constituintes da tradição, sendo esse seu grande diferencial, dessa forma corresponde a uma nova maneira de produção artística contemporânea de lidar com as formas e temas da tradição literária, encaixando-se perfeitamente na perspectiva da metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon.

6. REFERÊNCIAS

ARCHIBALD, Elizabeth; PUTTER, Ad. *The Cambridge Companion to the Arthurian Legend*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BARROS, Maria N. A. de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: Séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon** (Ciclo de Avalon). Planeta Minotauro, 2017. Edição do Kindle.

_____. **Thoughts on Avalon**. 1986. Disponível em: <https://www.mzbworks.com/thoughts.htm>. Acesso em: 15 abril de 2020.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1963.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

HUTCHEON, Linda et al. **Poética do Pós - Modernismo: História, Teoria, Ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1991. 319 p.

HUTTON, R. (2009). **The early Arthur: History and myth**. In E. Archibald & A. Putter (Eds.), *The Cambridge Companion to the Arthurian Legend* (Cambridge Companions to Literature, pp. 21-35).

JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. Intertextualidades. Poétique, nº 27 – Revue de Théorie et d'Analyse littéraires. Paris: Editions du Seuil. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

LÉVI-STRAUSS, C. (1955). **A Estrutura dos Mitos**. Em C. Lévi-Strauss. (1970). *Antropologia Estrutural* (pp. 225-253). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. 2ª ed.

MACEDO, José Rivair et al. **A mulher na idade média: A mulher e a família**. Realidades sociais e atividades profissionais. Exclusão, preconceito e marginalidade. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002. 105 p.

MALORY, Sir Thomas. **Le Morte d'Arthur**. 1485. Disponível em: <<https://www.sacred-texts.com/neu/mart/index.htm>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

_____. **A morte de Artur**. Tradução de José Domingo Morais. 3. ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993a. v.1.

_____. **A morte de Artur**. Tradução de José Domingo Morais. 3. ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993b. v.2.

_____. **A morte de Artur**. Tradução de José Domingo Morais. 3. ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993c. v.3.

MOURA, Fernanda. **O Rei Artur através dos séculos: uma trajetória das lendas arturianas**. Revista Entrelaces, [s. l.], v. 1, ed. 10, p. 22-34, 9 ago. 2017.

RICH, Adrienne. **When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision**. College English. 1972.

SILVIA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Jacilene Maria Silva. Edição do Kindle.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BATISTA, Ronaldo de Oliveira; PEREIRA, Helena Bonito. **Estudos literários: ficção, história, mito**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017. 221 p.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009. p.217-242.

Contatos: gabimodolo26@gmail.com e liliancorrea@mackenzie.br